

Educação em Agroecologia e transformação para o bem viver: síntese do Tapiri de Saberes Castanheira

Maria Grings Batista¹, Carla Giovana Souza Rocha²

¹ Instituto Federal do Pará- Castanhal, e-mail: maria.batista@ifpa.edu.br; ² Universidade Federal do Pará- Altamira, e-mail: crocha@ufpa.br

No Tapiri de Saberes Castanheira foram debatidas as experiências de participantes oriundos do estado do Pará, Bahia, Paraíba e Rio de Janeiro, com participação de estudantes em nível de graduação e mestrado, professores/as, agricultores/as, ribeirinhos/as, pescadores/as e extensionistas. As instituições dos participantes foram: Universidade Federal do Pará (Campus de Altamira e de Abaetetuba), Instituto Federal do Pará, Universidade Estadual da Paraíba (Campus de Campina Grande), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (EMATER), Universidade Federal do Oeste do Pará, Secretaria de Educação de Igarapé Mirim/PA, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/BA)-Centro de Agroecologia Rio Seco/BA, Centro Territorial de Educação Profissional da Bacia do Jacuípe II/BA e Fiocruz-Escola Nacional de Saúde Pública/RJ.

A mandala construída no Tapiri de Saberes Castanheira tinha em sua camada central os princípios da educação em agroecologia sistematizados no I SNEA. Na segunda camada foram realçados os sujeitos envolvidos nas experiências e na terceira, as instituições e organizações participantes. Após todas as apresentações, as pessoas presentes escreveram nas tarjetas os aprendizados proporcionados pelo Tapiri dos Saberes Castanheira, e em seguida, essas tarjetas foram dispostas na quarta camada da mandala. E nas bordas, os participantes dispuseram materiais ilustrativos de suas experiências (Figura 1). Nas tarjetas dos aprendizados, foram mencionados: a construção de processos educativos contextualizados; o território como referência para os processos educativos e sua transformação; experiências endógenas de transformação social; viver é aprender a cada dia uma nova forma de olhar e cuidar da natureza; diálogo de saberes a partir de ações de



extensão; aproximação e integração da educação acadêmica com a educação popular; transdisciplinaridade, coletividade e parcerias.

Figura 1. Imagem dos participantes e da mandala do Tapiri de Saberes Castanheira



As experiências apresentadas envolveram os sujeitos das comunidades quilombolas e camponesas, professores e estudantes da educação básica, ensino técnico e superior (graduandos em Agroecologia, Agronomia, em Licenciatura em Educação do Campo e Etnodesenvolvimento) e pós-graduandos, funcionários das secretarias municipais de educação, coletivos dos centros de formação por alternância pedagógica, técnicos de empresas de assistência técnica pública, integrantes de Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEA), lideranças das federações da agricultura familiar, cooperativas, Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e associações de agricultores e quilombolas. Todos envolvidos no ensino, demonstrando que a educação em agroecologia está em todos os níveis e em diversos territórios rurais e urbanos. No Quadro 1, ao final do texto, está sistematizado quem são os sujeitos e instituições e organizações envolvidas em cada experiência relatada.

Os temas abordados nas experiências foram diversos, e coerentes com o debate que anima o GT Educação em Agroecologia da Associação Brasileira de Agroecologia, integrando processos educativos formais a temas como: saúde, solos e alimentação; interseccionalidade de gênero e raça e segurança alimentar; articulação de feiras e circuitos curtos de comercialização; políticas públicas de educação, de extensão e acesso a mercados; valorização de saberes tradicionais e o uso de plantas medicinais; trajetória de aproximação aos movimentos sociais do campo e agroecologização do ensino no IFPA Castanhall; curricularização da extensão; saberes tradicionais e identificação de espécies, produção de mudas para reflorestamento e mobilização dos bancos de sementes; mulheres quilombolas e a ferramenta das cadernetas agroecológicas para a ação coletiva; quintais agroflorestais, terreiros e hortas nas escolas.

Como ponto comum, foram destacados os impactos da pandemia no sentido de interrupção de ações, busca por estratégias de continuidade das atividades, principalmente de forma remota ou por meio de ações pontuais e, a dificuldade da retomada num contexto político governamental não favorável. Também foi ponto convergente o desafio de estabelecer o diálogo intercultural de saberes e a territorialização dos processos alinhados com as comunidades, no sentido de compreender, valorizar os saberes e transformar a realidade junto com as comunidades tradicionais e camponesas, que se concretiza nas experiências de educação em agroecologia, proporcionando a vivência de estudantes e docentes em diversas territorialidades, arranjos institucionais e problemáticas.

Uma discussão também recorrente foi a ideia de curricularização da extensão dentro dos diferentes cursos de Agroecologia ou formações relacionadas. Assim como, da inserção da Agroecologia nos currículos de educação básica, e especialmente, nas escolas do campo e nos cursos de formação de professores, como a Licenciatura em Educação do Campo. Destacando o papel desempenhado por componentes de práticas pedagógicas dentro das matrizes curriculares, pois, muitas vezes, são o diferencial para proporcionar a vivência e compreensão da realidade, o despertar para romper com o monocultivo científico e construir soluções coletivas. Apesar do reconhecimento de avanços nessa temática, foram mencionadas dificuldades de continuidade das experiências de ensino-pesquisa e extensão em Agroecologia nas instituições de ensino por diversos motivos, dentre eles, a de dedicação



de tempo e de esforço político-institucional para animação das ações, de forma articulada e integrada.

Em termos de educação básica nas escolas do campo, se visualizou que o debate não tem avançado com as secretarias municipais e estaduais de educação sobre a inserção da agroecologia nos projetos pedagógicos e currículos. Dentre os questionamentos para promover os princípios da Educação em Agroecologia, foi realçada a indagação de como romper com a educação urbanocêntrica e bancária, e com a gestão autoritária nas escolas do campo, transformando os sistemas educacionais em todos os níveis, sem compreender a importância do protagonismo das comunidades e dos movimentos sociais neste processo?

Assim, observamos que as articulações interinstitucionais e, destas, com as organizações sociais, são fundamentais para que as ações de educação em agroecologia estejam entrelaçadas com os territórios das comunidades camponesas, quilombolas, indígenas, envolvendo instituições de ensino, instituições de pesquisa, instituições de extensão, fóruns de educação, e os diversos coletivos e formas de movimentos sociais. Também foi destacado que as políticas públicas municipais, estaduais e federais são imprescindíveis para proporcionarem as condições para o desenvolvimento das experiências formais, por exemplo, a formação de professores em Educação do Campo, em tecnólogo em Agroecologia, o apoio a programas de extensão, programas de fomento como bolsas do PIBIC, PIBEX, PIBID, bolsas permanência e moradia, apoio aos Centros de Formação por Pedagogia da Alternância e outras experiências camponesas. E também, o apoio às experiências de certificação de produtos agroecológicos, como a realizada pelas organizações de controle social (OCS), a partir da ação educacional e extensionista de Igarapé Mirim, no Pará.

Os princípios da Vida, Diversidade, Complexidade e Transformação, orientadores da Educação em agroecologia, foram ratificados e entendidos como assertivos, porém, destacou-se a necessidade de apresentar propostas práticas e metodológicas de ensino. Para tal, foi proposto para a ABA divulgar e sistematizar experiências práticas/didáticas de educação em agroecologia, criando espaços virtuais para disponibilizar textos e vídeos que divulguem as experiências, bem como, de material didático. Foi mencionada a importância

de intensificar o diálogo entre as experiências de educação formal e as de educação popular no SNEA, ampliando possibilidades de reflexão sobre metodologias e práticas para pensar a educação formal em Agroecologia.

Quadro 1. Experiências relatadas no Tapiri de Saberes Castanheira

<i>Título do relato</i>	<i>Sujeitos</i>	<i>Instituições/organizações envolvidas</i>
Agroecossaberes e educação em agroecologia na microrregião de Altamira, Sudoeste do Pará	Professoras/res e estudantes universitários e das escolas do campo de educação básica, agricultores e agricultoras, técnicos de ATER, lideranças de organizações sociais	UFPA/Campus de Altamira, escolas do campo de Brasil Novo e Uruará, UEPB, CFR/Anapu, Cooperativa (COOPOXIN), EMATER/PA, STTR de Brasil Novo
O recaatingamento como projeto educativo no curso técnico em agroecologia do CETEP da Bacia do Jacuípe II, Riachão do Jacuípe-BA	Estudantes e professores do Centro Territorial de Educação Profissional- curso técnico em Agroecologia	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Centro Territorial de Educação Profissional da Bacia do Jacuípe II /BA (CETEP)
Contribuições das interseccionalidades e da agroecologia para uma vigilância popular e participativa de base territorial: experiência do curso de inverno ENSP-FIOCRUZ 2022.	Acadêmicos e professores/as do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, lideranças de organizações sociais	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, FIOCRUZ, Associação Brasileira de Agroecologia, Terrapia, Universidade Federal de Lavras
Diálogo de saberes entre o conhecimento tradicional e a contribuição científica: um relato de experiência em quintais agroecológicos no Baixo Tocantins	Professores e alunos da graduação em Agroecologia e agricultores/as familiares	Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba
Educação do Campo e Agroecologia no IFPA - Campus Castanhal	Educandos e educadores do IFPA/Campus de Castanhal, movimentos sociais do campo	Escola Agrotécnica Federal de Castanhal- atual IFPA, UFPA, MST, FETRAF

<i>Título do relato</i>	<i>Sujeitos</i>	<i>Instituições/organizações envolvidas</i>
Educação do campo como possibilidade do fortalecimento da agroecologia no município de Igarapé-Miri/PA	Educandos do Programa Miriense, agricultores e agricultoras familiares, técnicos e lideranças	Secretaria Municipal de Educação, Secretaria de Desenvolvimento e Trabalho, Secretaria de Meio Ambiente, Cooperativa e Associação de Agricultores familiares, Sindicato de Trabalhadores/as Rurais e Igarapé Miri
Ações de pesquisa e extensão em agroecologia com mulheres quilombolas em Santarém, Pará	Mulheres quilombolas agricultoras, graduandas quilombolas, mestrandas, técnica da EMATER/PA, professoras do magistério superior	Federação dos quilombolas de Santarém, Associação dos moradores do Quilombo Murumurutuba, Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), EMATER/PA, FASE Santarém
Hortas agroecológicas em escolas de Alter do Chão, Santarém, Pará	Estudantes do ensino fundamental, comunidades rurais, extensionistas, escolas do campo	Universidade Federal do Oeste do Pará, EMATER/PA, Secretaria Municipal de Educação de Santarém/PA
Feira AKitanda Agroecológica: trajetórias de uma experiência de educação em agroecologia através das disciplinas de Comunidade Aprendente	Famílias agricultoras de comunidades do município de Amélia Rodrigues/BA, estudantes e professores do curso de Agronomia (UEFS), colaboradores externos (voluntários)	Universidade Estadual de Feira de Santana/BA, Centro de Agroecologia Rio Seco (CEARIS/UEFS), NEA Trilhas/UEFS